



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

### **A NARRATIVA HOMOERÓTICA E O CÂNONE NO BRASIL: RELAÇÕES POSSÍVEIS**

Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (UFRPE)

Um dos grandes debates da moderna crítica literária do final do século XX e início do XXI tem sido a discussão das formulações basilares das tradições literárias em cada língua e a consequente revisão dos critérios e valores que elegeram as obras literárias a serem lembradas e consagradas ao longo do tempo. Na maioria das vezes, essa pauta desencadeia num embate entre tradicionalistas e a denominada “escola do ressentimento<sup>1</sup>” (Cf. Bonnici, 2011; Crystófol y Sel, 2008), entre a exclusão ou a inclusão da contribuição das minorias culturais na formação da literatura de uma cultura.

Um dos apontamentos mais recorrentes, segundo Bonnici (2011), parte da percepção de que existiu (e existe) um privilégio implícito para autores brancos, heterossexuais e pertencentes a segmentos sociais mais favorecidos para compor o elenco dos “grandes escritores, das valiosas e universais obras” na formação do cânone.

Por essa razão, Crystófol y Sel (2008) aponta duas orientações importantes para a sucinta reflexão que desejamos estabelecer: a primeira é a de que é relevante estudarmos o *cânone* sempre relacionado à *censura*, que segundo a autora são “la cara y La cruz de uma misma moneda” (p. 191); a segunda é o questionamento do âmbito “universal” para a formulação do cânone, este é sempre regional, concentrado na valorização de obras de uma determinada cultura.

A emergência dos Estudos Culturais, de perspectivas teóricas pós-estruturalistas e do maior envolvimento dos grupos de minorias culturais com a literatura e seu sistema<sup>2</sup>, possibilitou a reflexão sobre o cânone e as relações de poder vinculadas a ele, problematizando esses valores universalistas e a censura instaurada ao longo do tempo.

Ao fazer essa reflexão no âmbito da cultura brasileira e rever diacronicamente a formação do cânone, não podemos deixar de perceber os critérios excludentes que formaram a “sagrada” história da literatura brasileira. Não é preciso revisar toda a crítica e história literária, para se ter noção de

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada, principalmente pelo crítico estadunidense Harold Bloom, para se referir a grupos de pesquisadores que defendem a ideia de uma inclusão no cânone e que criticam a postura tradicionalista em relação à consagração de autores e obras.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

que a formação de nosso cânone literário baseou-se, sobretudo, numa abordagem homofóbica e misógina, branca e econômica na seleção e inclusão de autores e obras. (Cf. Kothe, 1997).

Nesse sentido, objetivamos percorrer 4 compêndios historiográficos da literatura brasileira, a saber *A literatura no Brasil* (2004 – 6 vol), de Afrânio Coutinho, *História Concisa da Literatura Brasileira* (2006), de Alfredo Bosi, *A Literatura Brasileira através dos textos* (2007), de Massaud Moisés, *História da Literatura Brasileira* (1997), de Luciana Stegagno Picchio, evidenciando as possíveis relações entre narrativas que focalizam a diversidade sexual e o cânone literário, problematizando o silenciamento dessas obras ao longo do tempo e a forma de inclusão delas na história de nossa literatura.

Escolhemos esses compêndios em detrimento de outros também bastante difundidos nos cursos de letras, porque eles possuem um alcance temporal que passa do Quinhentismo às tendências contemporâneas (que geralmente descrevem algumas obras até o início da década de 1980), o que não ocorre, por exemplo, com obras como *Formação da Literatura Brasileira* (2006), de Antonio Candido, *A literatura no Brasil* (1995), de Luiz Roncari e *História Literatura Brasileira* (1998), de José Veríssimo cujo alcance chega apenas até a literatura produzida no século XIX.

### **Cânone, história literária e literatura homoerótica**

Existe uma vagueza semântica em relação ao conceito de cânone, segundo Cunha (2006). As formas de ele ser descrito, caracterizado, conceituado alicerçam-se em idéias que nos soam como se ele fosse invisível, impalpável. Esta discussão parece, muitas vezes, recair numa abstração de manifestação do poder, embora detentora do controle sobre o *corpus* oficial da literatura brasileira. O principal critério de inclusão de uma obra no cânone, geralmente alegado por seus defensores, é o fator estético, sobre o qual Cunha (2006) argumenta ser bastante relativista após tantas transformações culturais e literárias e, por isso, insuficiente para determinar a inclusão ou exclusão de obras e autores nos compêndios de literatura.

Kothe (1997), sobre este tópico, e de forma bastante radical, afirma que o valor estético é, na verdade, o que menos importa na seleção de obras canônicas no Brasil, porque os fatores político e ideológico são decisivos para definir ou não a entrada de um autor e de uma obra no cânone: “O cânone é formado por textos elevados à categoria de discurso, [...] o fundamento de sua poética é, no entanto, política” (p. 108).



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Podemos sintetizar que o cânone literário é um sistema simbólico e material de valorização exacerbada de obras literárias e documentais que se concretiza através das listas de obras que são divulgadas para o público (segundo Kothe (1997), nem sempre são literárias as obras escolhidas como canônicas). Canônicos são os textos e autores que constam na grande maioria dos livros de historiografia literária estudados nas graduações e pós-graduações na área de letras; são os textos que constam nos livros didáticos do ensino fundamental e médio; sobre os autores dessas obras, publicam-se a maior quantidade de antologias, de traduções e de estudos críticos que solidifiquem sua hegemonia. Subjaz ao cânone uma relação de poder, na qual hierarquicamente ele é superior aos que foram omitidos e/ou excluídos dele, voltando ao apontamento feito por Crystófol y Sel (2008) de que a censura está sempre associada ao cânone.

Geralmente, os manuais de história da literatura mais divulgados entre os cursos de letras mantêm uma mesma quantidade de obras, de seleção de autores, mesma atribuição valorativa aos textos, formando uma rede através da qual se reforça, segundo Kothe (1997), que o cânone literário brasileiro seja visto e/ou estudado nos compêndios de nossa história, indubitavelmente, de forma a não considerar possibilidades de revisão/alteração, mantendo estabilizados discursos de sustentação de determinadas ideologias que marginalizaram textos, temas e autores da arte literária brasileira.

Na contramão desse argumento, analisamos os referidos manuais no intuito de percebermos os modos de narrar dos historiadores quanto às questões homoeróticas em suas relações com os autores e com as obras, quando evidenciadas, de algum modo, no tecido discursivo.

Um primeiro objetivo traçado foi o de verificar se há menção da temática homoerótica em obras da literatura brasileira e, depois, que tipos de comentários são tecidos sobre o autor, o tema ou sobre as personagens homoeróticas inseridas nas narrativas.

É comum não encontrarmos menções a obras de temática homoerótica nesses compêndios ou, quando a obra é mencionada, há a omissão do tema, como ocorre com Coutinho (2004) ao comentar um dos romances mais valorizados na literatura brasileira, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. No texto ficcional, dentre tantos conflitos abordados, está presente, do início ao fim da obra, o desejo homoerótico (não concretizado) entre Riobaldo (protagonista) e Reinaldo/Diadorim (amigo, parceiro de seu bando).

Coutinho (2004) dá ênfase à inovação linguística rosiana e ao mito do Fausto (encontro/pacto de Riobaldo com o diabo) que também é aspecto muito forte no romance, tangenciado pelo conflito amoroso com Diadorim. O mesmo faz Alfredo Bosi (2006) ao mencionar



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

que “Riobaldo é um homem que busca, no vaivém de suas memórias e reflexões, negar a existência real do demônio [...]” (p. 432). Massaud Moisés (2007) escreve um pequeno resumo da obra no qual sugere o sentimento de Riobaldo por Diadorim:

Em monólogo, Riobaldo conta sua odisséia de jagunço, empenhado tão a fundo na vingança do grande Joca Ramiro, que estabelece pacto com o Diabo. Além do sentimento de fidelidade, *impele-o uma estranha afeição por Diadorim*, companheiro de luta [...] (Moisés, 2007, p. 567, itálicos nossos).

É curioso perceber o modo como o historiador narra a “estranha afeição por Diadorim”, permitindo entender o desejo homoafetivo como um tabu, fato que parece impedi-lo de se expressar abertamente sobre esse tema na obra, algo que não pode ser dito, reiterando o aforismo de Oscar Wilde sobre o “amor que não ousa dizer o nome”, logo, distante da interpretação do olhar canônico e, talvez, por isso, a escolha do termo “estranho” para definir e valorar o sentimento de Riobaldo. Esse é o único momento que Moisés (2007) menciona essa aproximação entre as personagens, numa espécie de amnésia intencional que exclui de sua visão todo o conflito vivido pelo jagunço Riobaldo que se declara a todo o instante afeiçãoado afetivamente por Reinaldo, outro jagunço do bando.<sup>3</sup> Luciana Stegagno Picchio (1997) também faz referência ao mesmo sentimento, quando resume o romance que, para ela, é a maior obra de Guimarães Rosa:

Riobaldo narra em blocos diferentes, cada um com seu sinal e sentimento, a aventura de sua vida, o pacto com diabo (Riobaldo-Fausto), o sertão percorrido por bandos inimigos sedentos de vingança, *a camaradagem ambigualmente afetuosa com Diadorim, o misterioso rapaz de olhos verdes: que se revela só no final, em sua morte, donzela*. (Picchio, 1997, p. 609, itálicos nossos).

Picchio (1997), de forma semelhante a Moisés (2007), usa um modo não direto, sobretudo impreciso, para narrar o afeto entre as personagens em tela; na expressão “camaradagem ambigualmente afetuosa com Diadorim” infere-se uma espécie de insinuação, no entanto, esta forma sinuosa de narrar omite o real conflito em que se insere o sujeito protagonista do romance: o do desejo homoerótico, o da masculinidade posta em xeque a partir de um sentimento afetivo e do não querer admitir o desejo por um seu igual. Os demais historiadores que não optaram por um resumo da obra, não mencionam a personagem Diadorim e preferiram tratar, de forma generalizada, da mitopoética e da inovação linguística em Guimarães Rosa, deixando de narrar, a partir do expediente da ficção, as relações afetivas entre sujeitos do mesmo sexo, isto é, castrando as

---

<sup>3</sup> Sobre essa questão, ver o ensaio de SILVA, A.P.D. Desejo Homoerótico em Grande Sertão: veredas. In.: Revista ANPOLL, Vol. 1, N. 24, 2008. Disponível em <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewArticle/25>.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

personagens, invisibilizando as imagens construídas, tornando o discurso sobre a obra com um foco que caminha apenas em via de mão única, a do discurso hegemônico e higiênico.

Além desta omissão, outro modo de narrar recorrente entre os historiadores citados é o fato da temática (homoerótica) das obras ser concebida negativamente, como ocorre com a narrativa *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, considerado o segundo romance em nossas letras a narrar o erotismo entre pessoas do mesmo sexo. Até os dias atuais o tema da obra, de forma genérica, parece sobreviver sob a égide de uma recepção negativa, sobretudo em determinados setores tradicionais da crítica.

Alfredo Bosi (2006), ao se referir ao autor, afirma que ele possuía gosto por temas “escabrosos” (p. 193), termo que admite o significado de “indecente” (Cf. Houaiss & Villar, 2004); em outro trecho, o historiador evidencia que “O *Bom Crioulo* [...] resiste ainda hoje a uma leitura crítica que descarte os vezos da escola e saiba apreciar a construção de um tipo, o mulato Amaro, coerente na sua passionalidade que o move, pelos meandros do *sadomasoquismo*, à *perversão* e ao crime.” (Bosi, 2006, p. 194, *itálicos nossos*). As duas palavras em destaque (*sadomasoquismo*, *perversão*), a nosso ver, foram usadas de forma aleatória, pois não nos parece, no caso da primeira, que a obra permita uma leitura sob este aspecto, e a segunda (*perversão*, segundo Houaiss e Villar (2004), é “*devassidão, depravação, indecência*”), nessa mesma linha de raciocínio, deixa claro que o termo carrega consigo, semanticamente, uma apreciação moralista em relação ao tema homoafetivo na obra e, considerando-se que se trata de uma visada crítica, pode-se notar o quanto este tipo de concepção canônica, ainda presente no discurso de alguns críticos da geração dos historiadores aqui em estudo, lança uma visão não afirmativa e discriminatória quanto ao tema das subjetividades homoeróticas representadas na ficção literária brasileira.

Em Coutinho (2004), o romance gay mais conhecido e antigo do Brasil recebe a seguinte descrição:

Três anos depois do aparecimento de *A normalista*, Adolfo Caminha publica *Bom Crioulo*. E deixa neste novo romance o melhor testemunho de sua grande vocação de romancista. A revolta da província é substituída em *Bom Crioulo* por uma audácia mais firme e ampla, que não mais se restringe aos estreitos horizontes da cidade pequena: *tomando como tema um caso de homossexualidade*, vai os limites da transposição literária  *dessa degenerescência, com um requinte de minúcias que constrange e repugna*. (Coutinho, 2004, p. 87, *itálicos nossos*).

O fato da obra agregar-se culturalmente à “degenerescência”, que “constrange e repugna”, talvez seja uma questão de leitura bastante subjetiva e discriminatória de Coutinho (2004), porque construída, infere-se, sob visões pessoais. Todavia, utilizar esses termos numa escrita



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

historiográfica que serve de baliza a leitores que porventura a consultem para obter informações sobre a literatura no Brasil está longe de ser entendida como uma crítica literária séria, como um pensamento ou ideia capaz de ser levada adiante por leitores que convivem com a diversidade sexual, com as diferenças de gênero, com as políticas em favor de minorias gays, lésbicas, trans (transgênero, travesti, transex, transhomem, transmulher, translésbica e outras).

O que se percebe, a partir dessa apreciação de Coutinho (2004), é uma espécie de censura que, como já afirmamos, é atitude comum na constituição do cânone (Crystófol y Sel, 2008). Nos textos dos demais historiadores investigados, o que se lê é a reiterada omissão do aspecto homoerótico que é visivelmente protagonizado na narrativa romanesca de Adolfo Caminha: Picchio (1997) sequer menciona *Bom Crioulo* entre as obras de Adolfo Caminha (obstaculiza a autoria pela invisibilização do texto), já Moisés (2007) dá ênfase a outro aspecto da obra (tornando-a menor, ao invisibilizar o tema homoerótico): afirma que o romance “focaliza o problema da escravidão” (p. 270), deixando de lado o que se relaciona ao homoerótico, ao desejo gay.

De acordo com o pensamento de Thomé (2009), um dos maiores clássicos da literatura brasileira do século XX é o romance *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, publicado em 1959 e em cuja estrutura narrativa um dos núcleos temáticos é protagonizado pela travesti Timóteo, que transgride a norma dos papéis de gênero, vive trancado em um quarto, vestido de mulher, fato que desencadeia todo um desconforto nos demais sujeitos ficcionais do romance cardosiano.

Ainda segundo o mesmo crítico (2009, p. 189), essa personagem “subverte o cânone”, modifica a visão das personagens homoeróticas na literatura. Talvez por esse motivo, nem essa personagem travesti, nem tampouco o viés homoerótico do romance de Lúcio Cardoso emergem como possibilidade de leitura nos compêndios historiográficos. O autor sequer é mencionado nas obras de Moisés (2007) e Picchio (1997) e, apesar de exaltado por Coutinho (2004) e Bosi (2006) quanto ao modo introspectivo, intimista de abordar os conflitos das personagens, sobretudo Timóteo, o caráter subversivo quanto às questões de gênero e de sexualidades de uma de suas principais personagens não é citado. A indiferença, nestes termos, parece constituir, mais uma vez, uma profunda censura que silencia, torna invisível a obra em seu aspecto temático e quanto ao seu valor estético observado de forma mais ampla.

O discurso canônico desvia um tema central, e importante, da obra para defender uma crítica que cala aquilo que é provocador do ponto de vista da construção do enredo, da performance da personagem, dos valores agregados à cultura representada.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Depois da obra de Lúcio Cardoso, a única que possui a temática homoerótica com uma travesti como protagonista (estudada pela crítica especializada) e que é mencionada nos compêndios de história da literatura brasileira, vem a ser *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago. O romance é citado apenas por Picchio (1997), dentre os demais historiadores consultados, o que reitera o *modus operandi* da construção do discurso canônico, segundo leitura nossa em consonância com outros críticos, de que questões de gosto pessoal, de identificação com o autor ou a obra são critérios postos em primeiro plano para narrar as obras e os autores canonizados:

[...] um ‘profissional da literatura’ como Silviano Santiago (n. 1936) que, essencialmente crítico e ensaísta, se afirma também como contista e romancista: ([...] *Stella Manhattan*, 1985, em que, numa Nova York cosmopolita, as relações sexuais entre minorias étnicas são vistas através dos olhos de um brasileiro homossexual; e *Keith Jarrett no Blue Note, improvisos de Jazz*, 1996, quando mais de dez anos depois as temáticas da sexualidade *gay* e da vida no exterior reaparecem, dessa vez na forma de cinco contos). (Picchio, 1997, p. 645, itálicos da autora).

Como se vê, o modo de narrar autor e obra é orientado por uma economia de ideia, atendo-se ao gesto de apreciar a pessoa, tornando secundária a discussão em torno das “temáticas da sexualidade *gay*”. Mesmo quando a autora registra as produções de Caio Fernando Abreu, autor deveras conhecido pela abordagem do tema homoerótico em suas narrativas, seu modo de narrar o autor e as obras se distancia das questões centrais em que estão envolvidas as personagens de Caio F.:

Encontraremos também um ficcionista refinado e discreto como Caio Fernando Abreu (1948-1996) que, na sua breve vida de escritor marginalizado, nos deu um reduzido ciclo de obras-primas “urbanas” com personagens isoladas no mundo e prisioneiras delas mesmas. Contos e romances de formação, como ritos de passagem, eles possuem uma dimensão surrealista em que mais evidente se torna o conflito entre indivíduo e sociedade (*Morangos mofados*, 1981; *Quem tem medo de Dulce Veiga*<sup>4</sup>?, 1990; e póstumo, *Bem longe de Marieband*, 1996). (Picchio, 1997, p. 636, itálicos da autora).

Nestes trechos, percebemos que a autora menciona, de forma *en passant*, o caráter homoerótico nas obras de Silviano Santiago; o que falta ao narrar Caio Fernando Abreu, embora ela cite *Morangos mofados* e *Bem longe de Marieband*, obras de temática *gay*, é a atitude mais crítica e racional quanto ao tratamento a ser dado a autores e obras que se tornam *autores*, na perspectiva foucaultiana (2009), pelas ideias desenvolvidas e pelas quais saem do anonimato. No caso de Caio F., marcadamente em suas narrativas estão os conflitos, os desejos, as tensões das subjetividades homoeróticas constantemente rasurando os lugares da cultura, as fronteiras de gênero e de sexualidades. Esta leitura, apesar de os manuais de história da literatura serem contemporâneos de

---

<sup>4</sup> Destaque-se o equívoco da autora ao mencionar o título da obra de Caio F que, na verdade, intitula-se *Onde andaré Dulce Veiga?*



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

autores como Guimarães Rosa, Silviano Santiago (ainda vivo) e Caio Fernando Abreu, não é contemplada por parte da crítica especializada do momento (ainda hoje) que opta por silenciar este aspecto, talvez, como na visão de Coutinho (2004), constrangedor. Isto demonstra que a obra da brasilianista Luciana Stegagno Picchio, assim como os demais, possui limitações histórico-interpretativas. Nos outros manuais consultados, nem Caio Fernando Abreu, nem Silviano Santiago são citados como autores.

De todos os manuais consultados, o que mais diverge quanto ao modo de abordagem, quando comparado aos demais e possui maior alcance temporal no aspecto ‘descrição de obras’ (chega a descrever textos da década de 1990), é o de Picchio (1997); ainda assim, não registra os romances de Cassandra Rios<sup>5</sup>, que tiveram grande repercussão desde a década 40 – com a publicação do seu primeiro livro *A volúpia do pecado*, lançado em 1948 – até as décadas de 1970 e 1980 com seus romances mais conhecidos. Nestes, a construção sem pudores de situações afetivas e sexuais entre personagens hetero ou homoeroticamente orientadas provocou o sucesso de público, quando chegou a vender mais de cem mil exemplares em um ano e, por outro lado, a censura do regime militar proibiu 36 das quase cinquenta obras da escritora (Cf. Almeida, 2014).

Cassandra Rios, hoje maior ícone da literatura homoerótica feminina, também não é mencionada nos demais compêndios que analisamos, sendo excluída por uma crítica especializada que torna desimportante o impacto de venda das obras dela, bem como a construção de um público leitor, o aquecimento de uma parte do mercado editorial quase sempre restrita a uma tiragem e vendagem de poucos exemplares. Por que Cassandra Rios não foi discutida como uma autora de *Best Seller* à brasileira?

Em outro momento, Fernandes (2009), discutimos a necessidade de atualização da história literária no Brasil quanto aos aspectos aqui em discussão. No entanto, também compreendemos as limitações epistemológicas de abarcar tudo o que foi silenciado no cânone brasileiro, ao longo do tempo, cabendo, portanto, à crítica especializada (mas não imbuída de preconceito e discriminação) resgatar, discutir e tornar visível obras específicas que problematizam questões de minorias culturais, como tem ocorrido com a literatura feminina, com a literatura negra e com a literatura

---

<sup>5</sup> Veja-se, inclusive a nota sobre a escrita de Cassandra encontrada no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho (2002, p. 112): “Cassandra Rios cria uma terrível galeria de seres prisioneiros da animalidade sexual, na maioria dos casos, contida ou reprimida sob uma aparência serena, normal e pura. [...] O que avulta é o avesso, o mal (que deveria ser extirpado), as aberrações, as taras, o patológico... uma total ausência de grandeza interior. Trata-se de homens reduzidos à animalidade sexual e totalmente conscientes disso. Daí a obscenidade inerente à matéria romanesca.”



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

homoerótica. Neste último caso, nosso esforço se caracteriza por uma contribuição quanto aos modos de ver e de narrar dos historiadores da literatura brasileira, sobretudo àqueles que se posicionam contrários à manifestação e efetivação da literatura de temática homoerótica, cabendo, por extensão, um resgate específico de obras de temática homoerótica que foram invisibilizadas no cânone pela crítica canonizante.

### **Considerações Finais**

A revisão aqui proposta dos registros de narrativas homoeróticas pelos compêndios de história da literatura brasileira só produzirá algum impacto no leitor, se as considerações sobre a literatura brasileira de temática homoerótica forem levadas a sério como devem ser; se as obras forem lidas por uma crítica especializada que, ao invés de estabelecer juízos de valor fundados no tão somente gosto pessoal, perceba os rumos da literatura brasileira das e interprete a produção ficcional na esteira do que pensa Josefina Ludmer (2010), quando lançou a ideia de “literaturas pós-autônomas” como aquela produção distante de uma estruturação das obras canônicas e tradicionais, porque rompe com a linearidade das ações, projetando outras formas de se fazer dizer determinadas dinâmicas culturais.

A discussão em torno das representações de autores e obras da literatura homoerótica nos compêndios da literatura brasileira funciona como uma advertência aos leitores no sentido de que percebam, como diz Kothe (1997), os gestos semânticos de poder que tornam autores e obras “ventrílocos” da literatura, um repetindo o outro e, neste repetir, de acordo com a ideologia do momento (que parece ser a mesma, apesar do tempo transcorrido entre as gerações), alcançam lugares na memória nacional.

Percebemos que os manuais de história da literatura brasileira consultados, quando fazem referência aos textos de temática homoerótica, em alguns casos omitem a apresentação desta temática mesmo quando ela é aspecto central na obra e, assim, acabam, nesses momentos, cometendo desvios interpretativos ao tentar direcionar a descrição ou narração do texto para um tema que não é central, mas tangente. Nesse sentido, as relações possíveis entre o cânone literário e a literatura homoerótica no Brasil têm sido, na maioria das vezes conflituosas, quando não impossíveis.

Todavia, os modos de ver as literaturas hoje devem servir de lição aos que ainda se prendem a purismos temáticos, a somente estruturas canônicas da literatura: as literaturas marginais – como



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

diz Férrez (2005) – estão se mostrando, encontrando seus leitores e críticos, saindo do anonimato, falando de si e por si. Logo, é preciso investir em novas leituras, sobretudo aquelas que se impregnam das subjetividades que estão na agenda contemporânea das culturas.

### **Referências**

- Almeida, Kyara Vieira de. Onde estão as respostas para as minhas perguntas?: Cassandra Rios – a construção do nome e a vida enquanto tragédia de folhetim (1955-2001). Tese (doutorado), Recife, Programa de Pós-Graduação em História, 207pp, 2014.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BONNICI, Thomas. O cânone literário e a crítica literária: o debate entre a exclusão e a inclusão. In.: BONNICI, T.; FLORY, A. V.; PRADO, M.R. (Orgs). *Margens instáveis: tensões entre teoria crítica e história da literatura*. Maringá: EDUEM, 2011.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira – momentos decisivos*. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2004. (6 volumes)
- CUNHA, Helena Parente. Cânone: dúvidas e ambigüidades. In.: *Scripta*. V. 10 N. 16. Belo Horizonte: 2006, p. 241-249.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. Reflexões sobre a narrativa brasileira de temática gay: 1980-2009. In.: CAMARGO, F. P.; SILVA, A. P. D. (Orgs.) *Configurações homoeróticas na literatura*. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 51-68.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- KOTHE, Flávio. *O cânone colonial*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- RONCARI, Luiz. *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ EDUSP, 1995.
- ROSENFELD, Kathrin. A homossexualidade na literatura. In.: GOLIN, Célio. (org.) *Homossexualidade, cultura e política*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- CRYSTÓFOL Y SEL, María Cruz. Canon y censura em los estudios de traducción literaria: algunos conceptos y pautas metodológicas para La investigación. In.: *Trans – revista de traductología*. Universidad de Malaga, p. 189-210, N. 12, 2008. Disponível em: <[http://www.trans.uma.es/pdf/Trans\\_12/t12\\_189-210\\_MCCristofol.pdf](http://www.trans.uma.es/pdf/Trans_12/t12_189-210_MCCristofol.pdf)>. Acesso em 21 de agosto de 2013.
- THOMÉ, Ricardo. *Eros proibido: as ideologias em torno da questão homoerótica na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Razão Cultural Editora, 2009.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Record, 1998.